

☐Querida Amazônia☐: o sonho da floresta amazônica e a insônia da floresta curial. Artigo de Andrea Grillo

POSTADO POR ADMIN ÀS 11:00



"A **Amazônia** nos faz sonhar. E também faz **Roma** sonhar. Mas Roma também sofre de insônia. E até mesmo o papa que "dorme bem" e que sabe reconfigurar o sonho eclesial de modo tão eficaz, às vezes, pode se encontrar sofrendo de insônia, quase como se permanecesse com os olhos esbugalhados".

A reflexão é do teólogo italiano [Andrea Grillo](#), professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, em Roma. O artigo foi publicado por **Come Se Non**, 12-02-2020. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

Eis o texto.

O texto da exortação apostólica "[Querida Amazônia](#)", publicada no dia 12 de fevereiro de 2020, caracteriza-se por uma primeira característica original. Ou seja, a sua "posição" em relação ao texto conclusivo do Sínodo extraordinário, isto é, "[Amazônia: novos](#)

[caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral?](#)

Com efeito, a escolha de promover diretamente o texto conclusivo do Sínodo, na sua articulação, como "documento de referência" ? como se afirma explicitamente nos números 2-3 da **"Querida Amazônia"** ? cria uma espécie de referência explícita ? quase uma disposição combinada ? da exortação em relação ao Sínodo na sua integralidade. De fato, a forte escolha de nunca citar o texto conclusivo, mas de assumi-lo como detentor de autoridade na sua inteireza, é assim expressada: "Não pretendo substituí-lo nem repeti-lo" (QA 2).

Parece-me que essa premissa é decisiva para ler corretamente o texto e, como tal, qualifica-o decisivamente, em analogia com o que **Francisco** fez na [Amoris laetitia](#). De modo ainda mais explícito do que há quatro anos, neste caso uma "reserva de autoridade" é deixada ao texto sinodal.

Francisco, por sua vez, traduz os nós daquele texto em [quatro sonhos](#): um **sonho social**, um **sonho cultural**, um **sonho ecológico** e um **sonho eclesial**. A **Amazônia** nos faz sonhar. E também faz **Roma** sonhar. Mas Roma também sofre de insônia. E até mesmo o papa que "dorme bem" e que sabe reconfigurar o sonho eclesial de modo tão eficaz, às vezes, pode se encontrar sofrendo de insônia, quase como se permanecesse com os olhos esbugalhados.

Tentemos ver como e por quê.

O grande sonho possível

Um grande sonho que está destinado a se tornar realidade. Essa me parece ser a boa notícia que a **"Querida Amazônia"** nos

apresenta com a força de uma prosa muitas vezes elevada, inspirada, forte. Não gostaria que se subestimasse a chave ?onírica? com a qual o texto foi escrito. Não é só retórica. Ou, melhor, é alta retórica magisterial.

Fazer da ?**tradição eclesial**? um lugar de elaboração de sonhos, ou seja, de representações dos desejos dos homens e das mulheres, e dos desígnios misteriosos do Deus de Jesus Cristo me parece um belo exercício do magistério, do qual a Igreja precisa urgentemente.

Assim, a releitura do documento final do **Sínodo** que **Francisco** propõe na ?[Querida Amazônia](#)? se estrutura como ?articulação de quatro sonhos?. Tais sonhos investem sobre quatro níveis da vida da Amazônia, dos quais a Igreja pode e deve cuidar. Tal perspectiva é formulada, com estilo poderoso, na ?**Querida Amazônia**?, números 6-7:

?6. (...) Deve encarnar-se a pregação, deve encarnar-se a espiritualidade, devem encarnar-se as estruturas da Igreja. Por isso, nesta breve Exortação, ousou humildemente formular quatro grandes sonhos que a Amazônia me inspira:

*7. Sonho com uma **Amazônia** que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.*

*Sonho com uma **Amazônia** que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.*

*Sonho com uma **Amazônia** que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.*

*Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na **Amazônia**, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.?*

Cada um desses ?sonhos? estrutura um capítulo do texto, dos quais esboço brevemente o conteúdo:

a) Um sonho social (nn. 8-27)

A promoção da **justiça social** de uma ?vida boa? na **Amazônia** é uma tarefa primária, na qual ?cuidado da criação? e ?atenção aos últimos? se entrelaçam profundamente. Uma Igreja capaz de se indignar e de fazer ouvir a própria voz profética em coro assume um estilo de escuta e de diálogo, no qual os últimos podem se tornar protagonistas, e a vida boa seja verdadeiramente acessível a todos.

b) Um sonho cultural (nn. 28-40)

A **Amazônia** é um ?tesouro de culturas? que devem ser valorizadas. Essa parte do texto está entrelaçada de poesias. Leiamos uma, no número 31:

*?Do rio, fazes o teu sangue (?).
Depois planta-te,
germina e cresce
que tua raiz
se agarre à terra
mais e mais para sempre
e, por último,
sê canoa,*

*barco, jangada,
solo, jarra,
estábulo e homem?* [Javier Yglesias, *?Llamado?*, 2007].

A proteção das raízes, o encontro intercultural, o cuidado pelo diálogo e pelas identidades se tornam um estilo de relação no qual a Igreja pode descobrir e reler ainda melhor o mistério que a constitui. Isso impõe que se assumam a perspectiva dos *?direitos dos povos e das culturas?*, em uma relação muito delicada com as condições do ambiente em que tais culturas se desenvolveram e podem ser salvaguardadas.

c) Um sonho ecológico (nn. 41-60)

Até o registro do *?sonho ecológico?* é profecia e poesia. Eis um dos textos propostos no número 47:

?Aqueles que pensavam que o rio fosse uma corda para jogar, enganavam-se.

O rio é uma veia muito subtil sobre a face da terra. (?)

O rio é uma corda onde se agarram os animais e as árvores.

Se o puxarem demais, o rio poderia rebentar.

Poderia explodir e lavar-nos a cara com a água e com o sangue?

[Juan Carlos Galeano, *?Los que creyeron?*, 2011].

A abordagem da *?proteção da casa comum?* se alimenta de uma tradição espiritual e relacional que deve recuperar um olhar contemplativo e extático em relação à natureza e à criação. Ela assume o grito dos povos pela **degradação do ambiente** e o relança profeticamente, envolvendo nele toda a Igreja.

d) Um sonho eclesial (nn. 61-110)

O último nível do sonho é o mais diretamente destinado às comunidades cristãs. E é também o mais complexo. É um sonho que, poderíamos dizer, brota em parte de um sono agitado?

Com efeito, esse quarto sonho se divide em duas partes. A primeira (nn. 61-84) é dedicada ao tema da [inculturação](#), enquanto a segunda (nn. 85-110) se ocupa da ministerialidade, da eucaristia, do ecumenismo.

Na primeira, ainda se consegue sonhar, propriamente dito. Na segunda, a vigília às vezes se impõe inexoravelmente e dificulta o sonho. Na primeira parte, de fato, sobre o tema da inculturação, lemos palavras fortes, proféticas, de grande coragem. O trabalho de inculturação pode assim reconhecer que é possível receber, de alguma forma, um símbolo indígena sem o qualificar necessariamente como idolátrico. Um mito denso de sentido espiritual pode ser valorizado, sem continuar a considerá-lo um extravio pagão? (QA 79).

E ainda: Isto permite-nos receber na liturgia muitos elementos próprios da experiência dos indígenas no seu contacto íntimo com a natureza e estimular expressões autóctones em cantos, danças, ritos, gestos e símbolos. O **Concílio Vaticano II** solicitara este esforço de inculturação da liturgia nos povos indígenas, mas passaram-se já mais de cinquenta anos e pouco avançamos nesta linha? (QA 82).

Esse impulso profético e poético chega até um limiar, que, no texto, é o número 85, com o qual começa a seção intitulada *A inculturação do ministério?*. Nesse ponto, encontramos o último flash daquele ímpeto que atravessou 3/4 do texto. Nele, diz-se:

A inculturação deve desenvolver-se e espelhar-se também numa

forma encarnada de realizar a organização eclesial e o ministério. Se se incultura a espiritualidade, se se incultura a santidade, se se incultura o próprio Evangelho, será possível evitar de pensar numa inculturação do modo como se estruturam e vivem os ministérios eclesiais? A pastoral da Igreja tem uma presença precária na Amazônia, devido em parte à imensa extensão territorial, com muitos lugares de difícil acesso, grande diversidade cultural, graves problemas sociais e a própria opção de alguns povos se isolarem. Isto não pode deixar-nos indiferentes, exigindo uma resposta específica e corajosa da Igreja? (QA 85).

Mas aqui *?al pensier mancò la possa?* [faltou força ao pensamento]: a poesia dá lugar à mera descrição normativa, e a profecia abre espaço para uma vigilância preocupada. Concretamente, o discurso sobre as comunidades *?desprovidas da eucaristia?* só consegue imaginar respostas mediadas pela linguagem elaborada na **Europa** do século XVI. Não se consegue sonhar. O ponto mais distante do tom e da liberdade do sonho é a falta de imaginação com que se fala da mulher (nn. 99-105), como se dissesse: *de mulieribus ne somnium quidem!*

O pequeno sonho impossível

O registro verbal, como tentei indicar, mostra a diferença entre o modo de refletir sobre os três primeiros *?sonhos?* e a linguagem mais rígida que aparece no modo de pensar a estrutura ministerial e sacramental da Igreja.

Nada de poesia, poucas imagens, pouco impulso. Aqui, o texto mostra abertamente a fadiga de conceber um sonho nesse âmbito. Ou, melhor, quase parece marcado por um traço de insônia, por uma impossibilidade de sair das representações mais clássicas e mais habituais, que se impõem em uma *?vigília* da qual não se

pode escapar?.

Onde está a inquietação, onde está a incompletude, onde está a imaginação? Parece que se pode reconhecer, também na **Amazônia**, apenas o padre *in nigris*, fruto do seminário tridentino, destinado a ?fazer a eucaristia? e a ?absolver do pecado?. Um ? **Cura d?Ars?** com bilhete para **Manaus**. Mera facticidade do passado adquirido: um habitante da floresta curial, um estranho na floresta amazônica.

Assim, nessa passagem final do texto, a floresta curial parece prevalecer sobre a floresta amazônica, que parece reduzida a uma variável secundária, quase irrelevante.

Mas aqui, creio eu, existem razões mais profundas. Porque é a falta de desejo que não faz sonhar. E o desejo não pode ser criado ?*ex officio*?. Quando falta o desejo, então fica fácil ler todas as novidades apenas ?em negativo?. Sem desejo de algo mais, mantemos aquilo que existe. Se as comunidades desejam a eucaristia, não é porque negam que elas devem ser presididas, mas porque pensam que a presidência pode ser concebida e sonhada com esquemas diferentes do **Concílio Lateranense IV** ou do **Concílio de Trento**.

Se as **mulheres** querem acessar o ministério ordenado, não é para seguir a moda ou para buscar o poder, mas porque sonham que lhes seja reconhecida objetivamente aquela bela autoridade que já demonstraram amplamente. Sem que, por isso, se possa pensar que ?acessar a ordem sagrada? seja sinônimo ? sabe-se lá por que só para elas - de ?ceder ao clericalismo?. Quando um uso novo do sacramento é imediatamente identificado com o abuso, é porque o desejo não é cultivado, o sonho tornou-se impossível, e o Espírito não consegue mais tomar a palavra. Em uma floresta, a da **Amazônia**, é permitido sonhar. Em outra floresta, a **Cúria**

Romana, parece proibido. Um homem que tem a arte do sono, como **Francisco**, também pode sonhar em **Roma**. Mas, às vezes, seu sono é perturbado. A honestidade do pastor e do homem sabe bem disso e diz assim:

?Quero apresentar de maneira oficial o citado Documento [final do Sínodo], que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque vivem lá, por ela sofrem e a amam apaixonadamente. Nesta Exortação, preferi não citar o Documento, convidando a lê-lo integralmente? (QA 3).

Para sonhar sobre esses temas institucionais, com base no que foi exposta profética e poeticamente nos primeiros três sonhos e meio, é preciso se referir necessariamente àqueles que vivem, sofrem e amam com paixão na **Amazônia**. Eles também sabem sonhar sobre esses assuntos. Porque o seu desejo é vivo, sabe discernir a Palavra e, assim, sabe alimentar o sonho. Com toda a poesia e a profecia necessárias.

Breves conclusões

Entre as duas florestas, o caminho de **Francisco**, portanto, está decididamente orientado, mas cauteloso. Fica límpida no seu texto a indicação de que o ?sonho eclesial? precisa se estender à integralidade da experiência. A força do desejo, iluminado pela Palavra, se faz sonho e se expressa com uma força nunca ouvida nos primeiros 85 números.

Mas, a cada geração, é dado sonhar e reelaborar apenas uma parte daquilo que vive. Assim, o grande sonho da sociedade, da **cultura** e da **ecologia**, quando cruza o limiar institucional, corre o risco de se extinguir. E parece experimentar, em vez do sonho, uma insônia agitada e uma incerteza preocupada.

Talvez, para um filho do Concílio, e um filho da primeira geração, como **Francisco**, não se possa pedir mais. Mesmo que parcial, o sonho profético dos três primeiros capítulos e meio sabe resgatar a insônia vigilante que, nas últimas páginas, fadiga o texto.

A síntese sobre o **?sonho social?**, sobre o **?sonho cultural?**, sobre o **?sonho ecológico?**, mas também sobre o **?sonho eclesial da inculturação?** continua sendo um texto precioso, com muitas aberturas de grande valor, que poderão produzir frutos grandes e preciosos. A escassa **?capacidade onírica?** no que diz respeito à estrutura ministerial da instituição é um sinal de uma resistência objetiva, eu diria até corporal, antes de mental. O corpo não sonha porque não tem desejo.

Por isso, o texto da **?Querida Amazônia?** sobre o padre e sobre a mulher parece não ter um desejo que queira se expressar em um sonho, e parece que Deus mesmo, a esse respeito, não tem mais nada a dizer e não deve enviar sonhos aos homens e às mulheres.

Mas o texto final do **Sínodo**, que não é substituído, mas valorizado na sua integralidade por parte da **?Querida Amazônia?**, permite-nos ou, melhor, impõe-nos que sonhemos ainda, também sobre esses temas. E não é totalmente óbvio que os sonhos, com a força do desejo a ser reacendido e com o mistério da Palavra de Deus a ser escutada e discernida, não são exatamente aquilo de que mais precisamos, também hoje, especialmente hoje.

FONTE: [INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS](#)